

Projeto: Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2000-2015)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência - BARROS, Paula Cristina Monteiro de; LIMA, Albenise de Oliveira; FREJ, Nanette Zmeri; MELO, Maria de Fátima Vilar de. Era uma casa ...!? Discurso, dinâmica familiar e contingências da rua. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 447-453, jul./set. 2009.

2) Resumo e Palavras-Chave - Crianças e adolescentes em situação de rua refletem um sintoma social marcado essencialmente por violência, transgressões, abandono e a precocidade que a vida na rua impõe. Uma realidade perpassada por aspectos sociais, políticos, culturais, históricos, econômicos, que configuram uma complexa trama social. Na experiência em uma instituição (Olinda – Brasil), deparamo-nos com sujeitos com histórias singulares, que adotaram a mesma saída — a rua — para o conflito vivido. Partindo de um recorte dessa realidade, propomos uma leitura de aspectos da dinâmica familiar que fragilizam o sujeito, como as palavras que lhe são endereçadas, as quais o marcam com atributos que culminam com a identidade “menino de rua”. Que lugar é atribuído ao sujeito que faz um rompimento com a casa e a família? Propomos também pensar estratégias de intervenção junto às famílias no sentido de restituir ou construir um lugar de pertencimento para essas crianças e para esses pais no âmbito familiar.

Palavras-Chave: crianças e adolescentes; endereçamento; situação de risco social.

3) Objetivo do estudo - propor uma leitura de aspectos da dinâmica familiar que fragilizam o sujeito e pensar estratégias de intervenção junto às famílias no sentido de restituir ou construir um lugar de pertencimento para essas crianças e para esses pais no âmbito familiar.

4) Tipo de pesquisa - baseada em pesquisa realizada pelo Centro de referência para Infância e Adolescente, localizado em Olinda, em 2007, com 88 usuários acompanhados durante o ano de 2006.

5) Período da pesquisa – não se aplica.

6) Forma de coleta de dados – não se aplica.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico - não informado.

8) Resultados / dados produzidos - As famílias acompanhadas, em geral, são famílias numerosas, marcadas muitas vezes pela violência, pela carência afetiva e financeira, por ameaças na comunidade, por perda de parentes, pelo uso de drogas, pelo trabalho infantil, situações que demarcam uma vulnerabilidade e um comprometimento psicoafetivo e social intensos. O grupo familiar gira em torno da mãe, envelhecida pela miséria e pela violência às quais se encontra submetida, sendo, às vezes, acometida por uma apatia paralisante e por algum sofrimento psíquico grave. O pai biológico, geralmente, não está presente — é desconhecido, foi assassinado por envolvimento com drogas, faleceu por complicações pelo uso abusivo de álcool, está desempregado, constituiu outra família. Em algumas casas, faz-se comum a presença de um padrasto, com o qual a criança ou o adolescente dificilmente mantém um bom relacionamento, haja vista ser sua imagem remetida a episódios de agressão contra a mãe ou contra eles.

A pesquisa realizada pela referida instituição, identificou que dos 88 usuários acompanhados direta ou indiretamente no ano de 2006, 43% das famílias eram chefiadas pelas mães, enquanto que em apenas 16% dos casos, o pai estava presente enquanto chefe de família. Além deste dado, em 57% das famílias, a mãe era tida como única responsável, em 12% o casal estava presente, ao passo que em apenas 6% das famílias o pai aparecia como responsável.

Na fala das crianças e dos adolescentes, a casa representa privação; conviver com o padrasto, que é alcoolista; com a mãe, que é “doente dos nervos”; com os muitos irmãos; com a lembrança muito presente do pai que foi assassinado; com a proibição do uso de substâncias psicoativas; com a agressividade; com a obrigação de ter que retornar para casa com uma quantia preestabelecida de dinheiro.

Apesar da tentativa de se estabelecer um espaço de moradia na rua, com a busca de novas referências, a construção de relações, a demarcação de territórios aparentemente de propriedade de quem dele usufrui, não há, reconhecidamente, uma casa na rua. Os desenhos de casas, geralmente, apresentam um aspecto de transparência, sendo possível perceber-se seu interior, o que aponta para uma continuidade indiferenciada entre dentro e fora, assim como o é a constituição de uma “casa” na rua. É muito peculiar o modo como as famílias aparecem em seus discursos. Alguns se negam a deixar entrever qualquer dado de identificação, limitando-se à designação que marca uma identidade: “sou menino de rua”, emergindo, assim, como sujeitos “sem história”, presentificados e subjetivados a partir das vivências e contingências da vida na rua. A maioria dos jovens, num primeiro momento, deturpa suas histórias, cria personagens, idealiza figuras que, para eles, deveriam existir, fornece dados contraditórios, mas deixa sempre escapar algo que aponta para um fio condutor de intervenção. Outros, ainda, mantêm uma imagem muito viva da dinâmica familiar — narram, repetidamente, fatos do passado, como que numa tentativa de assegurar a preservação de lembranças e o pertencimento a uma família — e, embora na rua, sinalizam — mesmo que de forma muito tênue — um desejo de volta. Percebe-se um certo desinvestimento das famílias em relação a seus filhos que

nos faz considerar que eles, de certo modo, denunciam com seus corpos, suas atuações, a fragilidade de suas famílias, aquilo que para os pais, as mães especificamente, é tido como fracasso. E, nesse sentido, mantê-los longe, pensamos, é uma forma de lidar com essas frustrações.

9) Recomendações - Desenvolver escutas com as famílias no sentido de acolher sentimentos e convocar as mães a situarem seus filhos na sua história, bem como a situá-las em suas histórias, ocasiões em que se torna evidente, muitas vezes, a violência e a falta de um lugar de reconhecimento que lhe foi também endereçada. Criar espaços em que mães e filhos pudessem conversar e situar-se em relação ao outro e em relação à família. Um espaço que possibilitasse a nomeação, a re-construção ou a construção de um lugar de pertencimento, para as crianças e para os pais.

10) Observações e destaques - Experiências e relatos de profissionais atuantes no Centro de Referência para Infância e Adolescente, localizado em Olinda. Considerar os fatores ligados à família não implica desconsiderar os demais, mas promover um recorte que possibilite a leitura de aspectos percebidos na dinâmica familiar, os quais, de certo modo, fragilizam o sujeito, e, juntamente com os outros fatores, acarretam a busca pela rua.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.